



Um museu à procura de uma solução política

O rolo do ano: museu do índio, JK, apito e SNI

MARIA DO ROSARIO CAETANO

Índio quer apito, se não der pau vai comer. Este estribilho de uma marchinha carnavalesca vai transformar-se em realidade se os índios não reconquistarem o Museu do Índio, plantado na Praça do Buri-ti, frente ao Memorial JK.

Com projeto de Oscar Niemeyer e dinheiro da Fundação Banco do Brasil (conseguido, segundo depoimento dos índios, com o então presidente Camilo Calazans) o Museu, ainda em obras, conserva em seu canteiro placa com os dizeres "Museu do Índio — uma iniciativa cultural do Banco do Brasil", ilustrada com uma imagem indígena.

A mudança de função do Museu do Índio foi anunciada, abruptamente, por José Aparecido, quando governador do DF. Num belo dia, o governador confessou que "ele e Niemeyer estavam surpresos com a beleza da edificação e que iam destiná-la a outra função: Museu de Arte de Brasília". E para deixar todos seduzidos pela idêla, Aparecido prometeu trazer, da Europa, a **Coleção Murilo Mendes**, que encontra-se sob a guarda da viúva do escritor, Maria da Saudade.

Como os cariocas passaram a disputar o **Acervo Murilo Mendes** para o MAM-Rio, esta briga ganhou relevo e todo mundo se esqueceu de que o Museu era dos índios.

APOIO

Com a sucessão deflagrada na

área cultural (Secretaria de Cultura e Fundação Cultural); o Museu voltou à ordem do dia. A Associação de Artistas Plásticos do DF pensou em tê-lo como espaço privilegiado para o desenvolvimento das artes visuais em Brasília. E, ao contrário de José Aparecido, que prometeu ajudar a erguer, na UnB, o Museu do Índio, afluíram nova proposta: as três mil peças indígenas (1.500 da Coleção Galvão, que pertence à Universidade, e 3.000 que pertencem à Artindia/Funai) iriam para o MAB (Museu de Arte de Brasília), construção perdida nas margens do Lago Paranoá, lá para as bandas do abandonado Brasília Palace "Incendiado" Hotel.

Esta proposta fundamenta-se em dois pontos: a arte indígena atrai atenções onde quer que seja exposta. Postado "ao lado" do Palácio da Alvorada, o Museu do Índio atrairia, em especial, turistas estrangeiros. Portanto, a solução era intercambiar as sedes: o MAB viria para o Museu do Índio e o Museu do Índio iria para o MAB.

Negativo, os índios não aceitaram a transação.

O Grupo de Trabalho da Cultura, em seu documento final, só teve uma saída: apoiar a reivindicação das lideranças indígenas. Por isto, está escrito na página nove: "Sugerimos que o Museu do Índio seja destinado a sua finalidade original, com os devidos condicionamentos ambientais exigidos pela atividade museológica, conforme contatos efetuados por

este GT com os representantes dos povos indígenas e ouvidas sugestões das áreas técnicas respectivas".

Em seu apoio, o "GT Cultura" não levou em conta a verdadeira razão da repentina mudança de destino do Museu do Índio: recomendação do SNI (Serviço Nacional de Informação), temeroso de que, com a situação geográfica do Museu, a Praça do Buri-ti se transforme num palco de permanentes manifestações, com índios armados de bordunas, rostos pintados de tinta negra e histórico espírito guerreiro.

Lais Aderne, que serviu de intermediária nas negociações entre os artistas plásticos e as lideranças indígenas, conta que recebeu destes a seguinte informação: "Não há veto do SNI ao nosso Museu, mas sim uma recomendação de Dona Sarah Kubitschek, que acha inadequada a instalação de um museu indígena defronte ao museu-jazigo de JK".

Esta hipótese é inconvincente. Afinal, o Museu mudou de destinação na mesma época em que o SNI interditou obra comemorativa do tombamento de Brasília como Patrimônio da Humanidade, mandada instalar por José Aparecido, na Praça dos Três Poderes. Os órgãos de segurança do Presidente não quiseram o monumento na Praça frontal ao Palácio do Planalto, argumentando que ele poderia se transformar num abrigo para possíveis interessados em agredir o Presidente da República.